



# A casa das marés

Da autora de  
*Como eu era antes de você*

# JOJO MOYES



# A casa das marés

JOJO MOYES

Tradução de Maria Carmelita Dias



Copyright © Jojo's Mojo Ltd, 2003

TÍTULO ORIGINAL

Foreign Fruit

PREPARAÇÃO

Mariana Moura

REVISÃO

Juliana Werneck

Laís Curvão

DIAGRAMAÇÃO

Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© Sarah Gibb

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M899c

Moyes, Jojo, 1969-

A casa das marés / Jojo Moyes ; Tradução de Maria Carmelita  
Dias. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.

384 p. ; 23 cm.

Tradução de: Foreign fruit

ISBN 978-85-510-0240-7

1. Romance inglês. I. Dias, Maria Carmelita. II. Título.

17-42803

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2017]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Charles Arthur e  
Cathy Runciman



“Cada pessoa tem o passado fechado em si mesmo, como um livro cujo autor conhece as páginas de cor, mas os amigos só sabem ler o título.”

VIRGINIA WOOLF





## PRÓLOGO

*Certa vez minha mãe me disse que era possível descobrir a identidade do homem com quem você se casaria descascando uma maçã e jogando a casca inteirinha para trás. Formava uma letra, sabe. Bem, pelo menos, de vez em quando: minha mãe queria tanto que a simpatia funcionasse que se recusava a admitir que a casca jogada parecia um sete, ou um dois, e via todos os tipos de B e D onde não existia. Mesmo que eu não conhecesse um homem com a inicial B ou D.*

*Mas no caso de Guy não precisei de nenhuma maçã. Assim que o vi, tive certeza; identifiquei seu rosto com a mesma clareza que identificava meu nome. Era o rosto de quem me afastaria da minha família, me amaria, me adoraria, teria lindos bebês comigo. Era o rosto dele que eu observaria, sem palavras, quando ele repetisse os votos de casamento. O rosto dele seria a primeira coisa que eu veria de manhã e a última que eu vislumbraria na suave brisa da noite.*

*Será que ele também soube? Claro que sim. Ele me resgatou, sabe. Como um cavaleiro, com as roupas sujas de lama em vez de um cavalo branco. Um cavaleiro que apareceu da escuridão e me trouxe à luz. Bem, pelo menos, à sala de espera da estação. Alguns soldados estavam me aborrecendo enquanto eu esperava o último trem. Eu tinha ido a um baile com meu patrão e a esposa dele, e perdera o trem. Os soldados haviam bebido demais e não paravam de me importunar, sem aceitar minhas negativas, mesmo que eu soubesse muito bem que não deveria conversar com recrutas e tivesse ficado o mais longe possível deles, sentada em um banco no canto. Mas então eles passaram a se aproximar cada vez mais, até que um começou a me agarrar, tentando fingir que era uma brincadeira, e fiquei morrendo de medo porque estava tarde e não havia nenhum funcionário da estação à vista e ninguém mais em lugar algum. Eu pedia sem parar que me deixassem em paz, mas eles não se afastavam. Simplesmente não se afastavam. Até que o mais alto — que parecia meio bruto — se jogou em cima de mim, com um rosto horrível e peludo e um bafo fedorento, e disse que ia me possuir, quer eu gostasse ou não. E é óbvio que eu queria gritar, mas não consegui porque fiquei paralisada de terror.*

*Então Guy apareceu. Irrompeu pela sala de espera e perguntou ao homem o que ele estava fazendo, dizendo que iria lhe dar uma surra daquelas. Em seguida, confrontou os três, que o xingaram, e um deles ergueu os punhos, mas depois de um minuto ou dois, como eram covardes, apenas xingaram um pouco mais e saíram correndo.*

*Eu fiquei ali tremendo, morrendo de vontade de chorar, e ele me chamou para sentar e me ofereceu um copo d'água para que eu me sentisse melhor. Era muito gentil. Muito atencioso. Então disse que esperaria comigo o trem chegar. E foi o que fez.*

*E ali, sob as luzes amareladas da estação, olhei para o rosto dele pela primeira vez. Quer dizer, olhei de verdade pela primeira vez. E percebi que ele era o homem certo. O homem certo, sem dúvida.*

*Depois de contar para a minha mãe, ela descascou uma maçã, só para conferir, e jogou a casca às minhas costas. Vi um L. Minha mãe jura que claramente era um G. Mas, nessa época, já estávamos muito além das cascas de maçãs.*

# Parte um



# 1

Freddie adoecera de novo. Dessa vez, aparentemente, por ter comido grama. Ela formara uma poça de espuma verde-esmeralda no canto, perto da cômoda, e algumas folhas continuavam intactas.

— Quantas vezes tenho que repetir, seu idiota? — reclamou Celia, que havia acabado de pisar na poça com a sandália. — Você *não* é um cavalo.

— Nem uma vaca — acrescentou Sylvia, querendo ajudar.

Ela estava sentada à mesa da cozinha, colando com cuidado fotos de utensílios domésticos em um álbum.

— Nem qualquer bicho, caramba. Você devia comer pão, e não grama. Bolo. Coisas normais.

Celia tirou a sandália e a segurou com o polegar e o indicador sobre a pia da cozinha.

— Argh — resmungou. — Como você é *nojento*. Por que não para de fazer isso? Mãe, fale com ele. Pelo menos ele devia limpar tudo.

— Limpe tudo direitinho, Frederick, querido.

A Sra. Holden, acomodada na cadeira de espaldar alto perto da lareira, conferia o jornal para descobrir o horário da próxima transmissão de *Dixon of Dock Green*. O programa era uma das poucas coisas que lhe davam prazer após a renúncia do Sr. Churchill. Além do último negócio do marido. Ainda que, evidentemente, ela só mencionasse o Sr. Churchill. Tanto ela quanto a Sra. Antrobus, contou a Lottie, já tinham visto todos os episódios e achavam o programa maravilhoso. Se bem que ela e a Sra. Antrobus eram as únicas pessoas na Woodbridge Avenue que tinham televisão, e as duas sentiam um prazer especial em contar aos vizinhos que quase todos os programas eram maravilhosos.

— Limpe *tudo*, Freddie. Argh. Por que meu irmão tem que comer comida de bicho?

Freddie permaneceu sentado no chão perto da lareira apagada, empurrando um caminhãozinho azul para a frente e para trás no tapete, levantando os cantos quando passava por ali.

— Isso não é comida de bicho — murmurou, contente. — Deus mandou comer.

— Mãe, ele está dizendo o nome do Senhor em vão.

— Você não deve mencionar Deus — afirmou Sylvia enquanto colava a foto de um processador em uma cartolina lilás. — Ele castiga.

— Tenho certeza de que Deus não disse exatamente grama, Freddie, querido — acrescentou a Sra. Holden, distraída. — Celia, meu bem, pode me dar meus óculos antes de sair? Aposto que as letras dos jornais estão diminuindo.

Lottie esperava com paciência perto da porta. A tarde fora especialmente cansativa, e ela estava louca para ir embora. A Sra. Holden havia insistido que ela e Celia a ajudassem a fazer suspiros para o bazar da igreja, por mais que as duas detestassem cozinhar, e Celia conseguira dar um jeito de se livrar da tarefa apenas dez minutos depois de começar, alegando dor de cabeça. Assim, Lottie tivera que escutar a ladainha da Sra. Holden sobre claras de ovo e açúcar e fingir não notar o movimento nervoso que ela fazia com as mãos e as lágrimas em seus olhos. Finalmente, aquelas coisas horrorosas estavam assadas e acomodadas nas formas, envolvidas em papel-manteiga, e — que surpresa! — a dor de cabeça de Celia tinha passado como por milagre. Ela calçou de novo a sandália e fez um gesto para Lottie, dando a entender que deviam sair. Enrolou o cardigã nos ombros e passou as mãos no cabelo com vigor diante do espelho.

— Então, meninas, para onde vão?

— Para o café.

— Para o parque.

Celia e Lottie falaram ao mesmo tempo e se encararam em silêncio com um ar acusatório.

— Vamos aos dois — disse Celia, com firmeza. — Primeiro ao parque e depois tomar café.

— Elas vão sair para beijar rapazes — retrucou Sylvia, ainda debruçada sobre as figuras que colava.

Ela havia colocado a ponta da trança na boca, de onde o cabelo saía de vez em quando, molhado e reluzente.

— Mmmmmmmuaaah. Muah. Muah. Eca. Beijar.

— Bom, não tome café demais. Você sabe que não faz bem. Lottie, querida, não deixe Celia exagerar. Duas xícaras no máximo. E voltem até seis e meia.

— Na aula de catecismo, Deus diz que a terra proverá — falou Freddie, erguendo os olhos.

— E veja como você ficou enjoado depois de comer aquilo — rebateu Celia. — Não acredito que a senhora não está obrigando Freddie a limpar, mãe. Ele se safa de *tudo*.

A Sra. Holden pegou os óculos que a filha lhe entregara e os colocou lentamente sobre o nariz. Tinha a aparência de alguém que mal conseguia se manter na superfície de um mar revolto e continuava teimando, apesar das evidências, que estava em terras secas.

— Freddie, vá pedir para Virginia trazer um pano, está bem? Bom menino. E, Celia, querida, não seja desagradável. Lottie, ajeite a blusa, meu bem. Está esquisita. E olhem, meninas, vocês não vão ser como aquelas pessoas que ficam de queixo caído com nossa recém-chegada, não é? Não queremos que ela pense que os moradores de Merham são caipiras, que ficam boquiabertos com qualquer coisa.

Houve um breve silêncio, durante o qual Lottie percebeu que as orelhas de Celia coraram de leve. As dela não ficaram nem um pouco vermelhas: fazia anos que vinha aperfeiçoando suas negativas, por mais incisivo que o inquiridor fosse.

— Vamos voltar direto para casa depois do café, Sra. Holden — disse Lottie, com firmeza. O que, na verdade, poderia não significar absolutamente nada.

Era o dia da grande mudança, o dia das pessoas que chegavam nos trens de sábado vindos da estação da Liverpool Street, e das que, apenas um pouco menos pálidas, retornavam, relutantes, à cidade. Nesses dias, as calçadas ficavam riscadas porque os garotos empurravam carrinhos de madeira montados às pressas e cheios de pilhas de malas estufadas. Atrás deles, homens exaustos usando ternos impecáveis de tecido leve davam os braços às esposas, felizes em começar as férias como verdadeiros reis em troca de algumas moedas. Ou pelo menos sem a necessidade de carregar a própria bagagem até seus quartos.

Assim, quase ninguém viu ou reparou na tal chegada. Quer dizer, com exceção de Celia Holden e Lottie Swift. Ambas ficaram sentadas no banco do parque municipal, com vista para a orla de Merham, uma extensão de quatro quilômetros, e observaram, extasiadas, o caminhão de mudança, o capô verde-escuro se sobressaindo sob os pinheiros-da-escócia e cintilando no sol vespertino.

Abaixo, o quebra-mar se estendia para a esquerda, parecendo os dentes de um pente escuro, enquanto a maré retrocedia pelas areias úmidas, salpicada de figuras minúsculas enfrentando os ventos fortes e fora de época. A chegada de Adeline Armand, segundo as meninas, foi uma ocasião digna da vinda da rainha de Sabá. Quer dizer, teria sido se a rainha de Sabá houvesse escolhido chegar em um sábado, na semana mais cheia da temporada de verão de Merham. Isso significava que todas aquelas pessoas — a Sra. Colquhoun, os Alderman Elliott, as donas de propriedades no calçadão, ou gente do tipo —, que em geral estariam fazendo julgamentos sobre os modos extravagantes dos recém-chegados trazendo uma

quantidade absurda de malas, pinturas grandes que não tinham como tema retratos de familiares ou cenas de cavalos galopando, mas imensos borrões coloridos sem nenhum padrão específico, quantidades incríveis de livros, além de artefatos *claramente* estrangeiros, nesse momento não estavam esperando em silêncio diante dos portões, observando a constante procissão que desaparecia dentro da casa *art déco* de frente para o mar, já há muito tempo desabitada. Em vez disso, elas estavam formando fila no Açougue Price, na Marchant Street, ou correndo para a reunião da Associação das Hospedarias.

— A Sra. Hodges diz que essas pessoas fazem parte da nobreza húngara ou coisa assim.

— Até parece.

Celia encarou a amiga, arregalando os olhos.

— É *verdade*. A Sra. Hodges conversou com a Sra. Ansty, que conhece o advogado ou quem quer que fosse o encarregado pela casa, e ela é uma princesa húngara mesmo.

Abaixo delas, algumas famílias haviam se apropriado de pequenas porções da praia e podiam ser vistas sentadas atrás de tendas listradas tensionadas pelo vento ou abrigadas da forte brisa marinha em cabanas de praia.

— Armand não é um sobrenome húngaro — comentou Lottie, levantando a mão para evitar que o cabelo batesse na boca.

— Ah, é? E como você sabe?

— É uma bobagem, não é? O que uma princesa húngara estaria fazendo em Merham? Ela iria para Londres, sem dúvida. Ou para o Castelo de Windsor. Não para um fim de mundo sujo, velho e sem graça, como aqui.

— Não na sua região de Londres, isso, não — retrucou Celia, com um tom quase de desprezo.

— Não — concordou Lottie. — Não na minha região de Londres.

Ninguém de natureza exótica vinha da região londrina de Lottie, um subúrbio na parte leste da cidade cheio de fábricas construídas às pressas que se estendiam em direção às indústrias de gás para um lado e acres de pântanos desagradáveis para o outro. Na primeira vez que ela fora a Merham, durante os anos iniciais da guerra, via-se obrigada a disfarçar sua incredulidade quando moradores solidários lhe perguntavam se sentia saudade da terra natal. Ficava igualmente surpresa quando queriam saber se ela sentia saudade da família. Com o tempo as pessoas passaram a evitar essas perguntas.

Para falar a verdade, Lottie voltara para casa com o intuito de passar os dois anos lá até a guerra terminar, e, após várias cartas fervorosas trocadas entre Lottie e Celia, e depois da crença tantas vezes confirmada pela Sra. Holden de que não só era bom para Celia ter uma amiguinha da mesma idade por perto, mas também



de que “As Pessoas Tinham que Dar Sua Contribuição para a Comunidade, Não É Mesmo?”, Lottie fora convidada a retornar a Merham, a princípio para passar as férias e, aos poucos, conforme as férias se estenderam até o período escolar, para sempre. A presença de Lottie passou a ser aceita como a de um membro da família Holden; não de sangue, talvez, nem exatamente igual em termos sociais (nunca se perde totalmente o sotaque da região londrina de onde se vem), mas alguém cuja presença contínua na cidade não era mais considerada diferente. Além disso, o povo de Merham estava acostumado com gente que chegava e não voltava para casa. O mar causava esse efeito nas pessoas.

— Será que devemos levar alguma coisa? Flores? Como um pretexto para entrarmos?

Lottie notou que Celia se sentiu mal com os comentários anteriores; a amiga exibia o que chamava de seu sorriso à la Moira Shearer, sem mostrar os dentes inferiores.

— Não tenho dinheiro.

— Não estou falando de flores compradas. Você sabe onde encontrar lindas flores silvestres. Sempre enche minha mãe com elas.

Lottie notou um leve traço de ressentimento no último comentário.

As duas garotas desceram escorregando do banco e começaram a andar em direção à extremidade do parque, onde um único parapeito de ferro forjado marcava o início do caminho no penhasco. Lottie seguia por ali nas noites de verão, quando o barulho e a histeria na casa dos Holden se tornavam exagerados. Ela gostava de escutar as gaiotas e os codornizes cruzando o céu e se lembrar de quem era. Esse tipo de introspecção era considerado pouco natural pela Sra. Holden, ou no mínimo complacente, e os pequenos buquês de flores que Lottie colhia serviam como uma garantia útil. Contudo, quase dez anos morando na casa de outra pessoa também lhe proporcionaram certa sagacidade, uma sensibilidade quanto à potencial turbulência doméstica que não combinava com o fato de que ela ainda não saía totalmente da adolescência. Afinal de contas, era importante que Celia não a considerasse sua rival.

— Reparou nas caixas de chapéu? Tinham pelo menos sete — disse Celia, se abaixando. — Que tal esta aqui?

— Não. Vai murchar em minutos. Pegue algumas daquelas roxas. Lá, perto da pedra grande.

— Deve ser alguém com muito dinheiro. Mamãe disse que a casa precisa de bastante obra. Ela conversou com os decoradores, e eles contaram que foi uma indicação e tanto. Ninguém mora lá desde que os MacPherson se mudaram para Hampshire. Deve fazer o quê, uns nove anos?

— Não sei. Não cheguei a conhecer os MacPherson.

— Um casal bem chato. Ela calçava trinta e nove. Não existe uma lareira decente lá, segundo a Sra. Ansty. Foi tudo saqueado.

— As plantas dos jardins cresceram além da conta.

Celia parou.

— Como você sabe?

— Estive lá algumas vezes. Durante minhas caminhadas.

— Que espertinha! Por que não me levou?

— Você nunca queria caminhar.

Lottie olhou para trás de Celia, em direção ao caminhão de mudança, sentindo uma silenciosa onda de entusiasmo. As duas estavam acostumadas ao vaivém das pessoas — afinal, Merham era uma cidade de veraneio, e as temporadas eram marcadas por novos visitantes, que iam e vinham assim como as marés —, mas a perspectiva de ver a mansão ocupada novamente conferia à última quinzena uma expectativa de tirar o fôlego.

Celia voltou a se concentrar nas flores. Enquanto as reorganizava na palma da mão, o vento bagunçava seu cabelo, como se fosse um lençol dourado.

— Acho que odeio meu pai — comentou ela em voz alta, os olhos fixos no horizonte.

Lottie continuou quieta. Não se sentia à vontade para opinar sobre os jantares de Henry Holden com a secretária.

— Minha mãe é tão estúpida! Ela finge que nada está acontecendo.

Seguiu-se um breve silêncio, interrompido pelo grito dissonante das gaivotas voando acima das meninas.

— Meu Deus, mal posso esperar para sair deste lugar — disse, por fim.

— Eu gosto daqui.

— Mas você não é obrigada a presenciar seu pai se comportando feito um cafajeste.

Celia se virou para Lottie e estendeu a mão para ela.

— Olha. Acha que é suficiente?

Lottie deu uma olhada nas flores.

— Você realmente quer ir até lá? Só para admirar as coisas dela?

— Ah, e você não quer, Madre Superiora?

As duas riram e voltaram correndo para o parque municipal, enquanto casacos e saias esvoaçavam às suas costas.

Antigamente, o caminho que levava até a Casa Arcádia era circular. Os vizinhos remanescentes ainda se lembravam das procissões de carros compridos e baixos que freavam no cascalho diante da porta principal, depois faziam uma curva graciosa e seguiam rua abaixo. Fora uma casa importante, situada bem nos limites

dos trilhos da estrada de ferro (essa distinção era tão importante que as casas de Merham eram anunciadas como “do lado de dentro” ou “do lado de fora”). Havia sido construída por Anthony Gresham, filho mais velho dos Walton Gresham, depois de retornar dos Estados Unidos, onde fez fortuna ao criar uma peça banal de motor que foi comprada pela General Motors. Gresham queria que a mansão, conforme ele mesmo afirmou de modo imponente, parecesse pertencer a um astro de cinema. Ele tinha visitado a propriedade de uma atriz famosa do cinema mudo em Santa Monica: uma casa comprida, baixa e branca, com grandes extensões de vidro e janelas menores servindo de portinholas. Para ele, essas características indicavam glamour, mundos novos e um futuro vistoso e brilhante (um futuro que, por incrível que pareça, não foi dele: Gresham morreu aos quarenta e dois anos, atropelado por um veículo. Um Rover). Quando a casa finalmente foi concluída, alguns moradores de Merham ficaram chocados com a modernidade da construção e reclamaram, às escondidas, que de certo modo não parecia “apropriada”. Assim, quando os moradores seguintes, os MacPherson, saíram da casa alguns anos depois, deixando-a vazia, a maioria das pessoas mais idosas da cidade curiosamente ficou aliviada, embora possa não ter confessado. No momento, a parte norte do caminho estava tomada por plantas — um emaranhado de arbustos espinhosos e sabugueiros —, terminando prematuramente no portão que antes levava à trilha até o mar. O bloqueio provocou uma grande quantidade de impropérios e trocas bruscas de marcha por parte dos motoristas dos caminhões de mudança que, tendo descarregado tudo, tentavam manobrar de ré para a aleia, agora parcialmente bloqueada por um carro que tinha entrado depois deles.

Lottie e Celia ficaram paradas durante alguns instantes, observando os rostos avermelhados e os esforços suarentos de quem ainda carregava móveis, até que uma mulher alta, com o cabelo castanho comprido severamente puxado para trás em um coque, saiu correndo da casa, balançando as chaves de um carro e suplicando:

— Esperem! Parem aí! Vou tirar o carro e levá-lo para o jardim da cozinha.

— Será que é ela? — sussurrou Celia, que, sem motivo, havia se abaixado atrás de uma árvore.

— Como é que eu vou saber?

Lottie prendeu a respiração, estranhando a súbita relutância de Celia. Elas continuavam grudadas, espiando atrás do tronco, segurando as saias rentes ao corpo para que não esvoçassem.

A mulher estava sentada no carro e observava os instrumentos do painel, como se considerasse qual deles deveria usar. Depois, mordendo o lábio inferior para demonstrar angústia, girou a chave na ignição, se enrolou com a marcha,

inspirou fundo e deu ré até bater na grade dianteira de um caminhão de mudança, causando um estrondo.

Houve um breve silêncio, seguido pelo palavrão de um dos homens e por uma buzina demorada. Então a mulher ergueu a cabeça, e as meninas perceberam que ela provavelmente fraturara o nariz. Havia sangue por toda parte: escorrendo pela blusa verde-clara, nas mãos e até mesmo no volante. Ela se endireitou no banco do motorista, parecendo ligeiramente surpresa, e, ao olhar para baixo, começou a procurar alguma coisa para estancar o sangue.

Lottie saiu correndo, atravessando o gramado não podado, com o lenço já em mãos.

— Tome — disse ela, aproximando-se da mulher ao mesmo tempo em que diversas pessoas, aos gritos, começaram a se reunir ao redor do carro. — Segure isso. Incline a cabeça para trás.

Celia, que corraera atrás de Lottie, observava o rosto salpicado de sangue.

— A senhora levou uma pancada horrível — falou.

A mulher aceitou o lenço.

— Desculpe — disse ela para o motorista do outro veículo. — Não sou muito boa com essas marchas.

— A senhora não devia nem dirigir — respondeu o homem, mal cabendo no avental verde-escuro. Ele catava o que sobrara do farol dianteiro. Mal olhou pelo retrovisor.

— Eu achei que tivesse engatado a primeira. Fica tão pertinho da ré...

— O para-choque caiu — avisou Celia, um pouco agitada.

— O carro nem é meu. Ai, meu Deus!

— Olhe só o farol! Vou ter que trocar por um conjunto inteiro. Vai me custar tempo e um dinheirão.

— É verdade — confirmou ela, pesarosa.

— Escute, deixe essa senhora em paz. Ela levou uma pancada considerável — falou um homem de cabelo escuro e terno de linho claro que surgira diante da porta do carro. — Basta me dizer de quanto é o prejuízo que eu dou um jeito. Frances, você se machucou? Precisa de um médico?

— Ela não devia dirigir — repetiu o homem, balançando a cabeça.

— Você é que não devia estar tão perto — retrucou Lottie, irritada pela falta de tato do motorista, que a ignorou.

— Desculpe mesmo — murmurou a mulher. — Ai, meu Deus. Olhe só para a minha saia.

— Diga, quanto? Quinze xelins? Uma libra?

O homem mais jovem estava separando notas de um maço que havia tirado do bolso interno.

— Pronto, tome isso. É mais cinco para compensar o transtorno.

O sujeito pareceu se acalmar. Provavelmente nem era o dono do caminhão, pensou Lottie.

— Bem — disse. — Bem, suponho que isso vá ser suficiente.

Ele embolsou o dinheiro depressa, seu tormento aparentemente apaziguado por uma esperta decisão de não abusar da própria sorte.

— Suponho que seja melhor acabar logo. Vamos lá, rapazes.

— Olhe a saia dela — sussurrou Celia, cutucando-a.

A saia de Frances batia quase nos tornozelos. Com uma estampa arrojada de salgueiros, era curiosamente antiquada.

Lottie ficou examinando com cuidado o restante das roupas da mulher: os sapatos, que pareciam quase eduardianos, o cordão comprido de contas esféricas de âmbar.

— Boêmios! — comentou, de modo jovial.

— Vamos, Frances. Vamos entrar antes que o carro fique todo sujo de sangue.

O jovem enfiou o cigarro na lateral da boca, segurou com delicadeza o cotovelo da mulher e a ajudou a sair do carro.

Enquanto caminhava em direção à casa, ela se virou de repente.

— Ah, tome seu lindo lenço. Eu o encharquei de sangue. — Ela fez uma pausa, fitando o pano. — Você é daqui? Entre, venha tomar um chá. Vamos pedir para Marnie colocar o lenço de molho. É o mínimo que posso fazer. George, chame Marnie para mim. Tenho medo de gaguejar.

Lottie e Celia se entreolharam.

— Seria ótimo — disse Celia.

Só depois de fecharem a porta, Lottie se deu conta de que deviam ter deixado as flores do lado de fora.

Celia parecia menos segura quando entrou no saguão principal. Na verdade, parou de forma tão abrupta que Lottie, distraída, esbarrou o nariz na nuca da amiga. A atitude de Celia tinha menos a ver com uma tendência natural para ficar hesitante (seus irmãos mais novos a apelidavam de Fura-Multidão) e mais com o fato de estar cara a cara com uma grande pintura escorada no balaústre em posição contrária à porta principal. Havia uma mulher nua reclinada na pintura a óleo com técnica de empasto. A modelo não era nada recatada, como observou Lottie, a julgar pela posição dos braços e das pernas.

— Marnie? Marnie, você está aí?

George seguiu na frente, atravessando a passos largos o piso de pedra e passando pelos caixotes de mudança.

— Pode pegar um pouco de água quente? Frances sofreu um pequeno acidente. E poderia fazer um chá? Temos visita.

Uma resposta abafada e o som de uma porta se fechando vieram do quarto adjacente. A ausência de tapetes e móveis ampliava o som e o reverberava nos pisos de pedra e no espaço quase vazio. Celia agarrou o braço de Lottie.

— Você acha que devemos ficar? — sussurrou. — Eles parecem um tanto... *acelerados*.

Lottie espiou ao redor, observando os cavaletes com quadros enormes, os tapetes enrolados, empilhados e apoiados nas paredes feito cavalheiros idosos curvados, a escultura africana da barriga saliente de uma mulher. Era tudo muito diferente das casas que ela conhecia: a de sua mãe era apertada, escura, entulhada de móveis de madeira e bugigangas baratas de louça, permeada pelo cheiro de pó de carvão e legumes cozidos, constantemente interrompida pelo barulho do tráfego ou dos filhos do vizinho brincando do lado de fora. Mas a casa dos Holden era uma residência espaçosa, confortável, de estilo Tudor, que parecia ter valor tanto pelo que comunicava quanto pelo que abrigava. O mobiliário havia sido herdado e tinha que ser tratado com respeito — mais até, ao que parece, do que seus ocupantes. Nenhuma xícara podia ser colocada em cima dos móveis, e nenhuma criança podia bater neles. Segundo a Sra. Holden, todas as mobílias deviam ser “transferidas de mão em mão”, como se os moradores fossem meros guardiões daquelas peças de madeira. A casa dos Holden estava sempre arrumada para as outras pessoas, agradável “para as senhoras”, preparada para quando o Dr. Holden “chega em casa”. E a Sra. Holden, no papel de um pequeno e frágil rei Canuto, tentava desesperadamente expulsar os inevitáveis detritos e sinais de sujeira.

E, em contraste, havia aquele lugar: uma casa clara, brilhante, estranha, de formato angular esquisito, com janelas opacas compridas e baixas, ou portinholas através das quais dava para ver o mar e o tesouro escondido e elaborado de peças exóticas caoticamente ordenadas. Um local onde cada objeto contava uma história e indicava sua origem rica de terras estrangeiras. Ela sentiu o aroma da casa, o ar salgado que havia permeado as paredes ao longo dos anos excedido pelo cheiro de tinta fresca. Era estranhamente inebriante.

— Chá não faz mal a ninguém, não é?

Celia fez uma pausa, observando o rosto da outra.

— Mas não conte para minha mãe. Ela vai fazer um escândalo.

As meninas seguiram a pesarosa Frances até a sala de estar principal, inundada pela luz vinda das quatro janelas que davam para a baía; as duas centrais se curvavam em torno de uma parede semicircular. Na janela da extrema direita, dois homens travavam uma batalha com um varão de cortina e tecidos em excesso,

enquanto à esquerda deles uma moça ajoelhada no canto organizava fileiras de livros em uma estante com porta de vidro.

— É o carro novo do Julian. Ele vai ficar furioso. Eu devia ter deixado você manobrar.

Frances se jogou em uma cadeira, verificando se havia sangue fresco no lenço.

George lhe serviu uma grande taça de conhaque.

— Pode deixar que eu lido com Julian. E como está seu nariz? Você parece um quadro de Picasso, meu bem. Acha que precisamos de um médico? Adeline! Conhece algum médico?

— Meu pai é médico — disse Celia. — Posso chamar, se quiserem.

Lottie levou alguns segundos para reparar na terceira mulher. Ela estava sentada com as costas perfeitamente eretas no meio de um pequeno sofá, as pernas cruzadas na altura do tornozelo e as mãos entrelaçadas à frente, como se estivesse longe do caos ao redor. Seu cabelo, de um preto-azulado típico das penas de um corvo, estava rente à cabeça em ondas lustrosas, e ela usava um vestido vermelho de seda, de corte longo e justo, meio fora de moda, coberto por uma jaqueta bordada na qual pavões exibiam uma plumagem iridescente. Tinha imensos olhos escuros pintados com delineador e mãos pequenas e infantis. Estava tão quieta que, quando baixou a cabeça num cumprimento, Lottie quase se sobressaltou.

— Você é uma fofa! Olhe só, George, já fizemos alguns contatos locais.

A mulher deu o sorriso gentil e vagaroso daqueles que estão sempre encantados. Seu sotaque era indecifrável, talvez francês, mas definitivamente estrangeiro. Era baixo, abafado e tinha um tom entretido disfarçado. As roupas e a maquiagem eram inacreditáveis. Ela aparentava muita experiência, mesmo comparada a uma pessoa criada fora dos domínios de Merham e Walton-on-the-Naze. Lottie estava paralisada. Olhou para Celia, notando sua expressão idiota refletida na amiga.

— Adeline. Esta é... Ai, meu Deus, não perguntei como se chamam — disse Frances, levando a mão à boca.

— Celia Holden. E Lottie Swift — respondeu Celia enquanto mexia os pés de forma esquisita. — Moramos atrás do parque. Na Woodbridge Avenue.

— As meninas muito gentilmente me emprestaram um lenço — explicou Frances. — E eu o sujei todo.

— Minha querida, coitadinha.

Adeline segurou a mão de Frances.

Lottie observou, esperando que ela fosse oferecer um aperto reconfortante, um tapinha tranquilizador. Mas a mulher apenas acariciou a mão da amiga com

delicadeza, levou-a até seus lábios vermelhos e ali, na frente de todo mundo, sem nem sequer uma nuance de rubor, inclinou-se vagarosamente e a beijou.

— Que coisa *terrível*.

Houve um breve silêncio.

— Ah, Adeline — disse Frances com tristeza e puxou a mão.

Lottie, sem ar nos pulmões por causa dessa bizarra demonstração de intimidade, não ousou olhar para Celia.

Após uma pausa momentânea, Adeline voltou-se para o centro da sala, e seu sorriso se iluminou.

— George, não contei para você. Não é ótimo? Sebastian mandou alcachofras e ovos de tarambola de Suffolk. Podemos comer no jantar.

— Graças a Deus.

George tinha se aproximado dos homens perto da janela e estava ajudando a posicionar o varão da cortina.

— Eu não estava mesmo com vontade de comer peixe com batata frita.

— Não seja esnobe, querido. Tenho certeza de que o peixe com batata frita daqui é maravilhoso. Não é verdade, meninas?

— Não sabemos — respondeu Celia depressa. — Só comemos em restaurantes finos.

Lottie mordeu a língua, lembrando-se do sábado anterior, quando ficaram sentadas no quebra-mar com os irmãos Westerhouse comendo arraias em jornais engordurados.

— Mas é claro — concordou Adeline, a voz baixa, lânguida e com um ligeiro sotaque. — Comportamento adequado. Agora, meninas, me contem. Qual é a maior vantagem de morar em Merham?

Celia e Lottie se entreolharam.

— Nada de mais — começou Celia. — Na verdade, é bem monótono. Há um clube de tênis, mas fica fechado durante o inverno. E um cinema, mas o projetista vive doente, e mais ninguém sabe mexer nos aparelhos. Se você quiser um lugar moderno, precisa ir a Londres. É o que a maior parte das pessoas daqui faz. Quer dizer, se queremos uma noite realmente agradável, que valha a pena, seja para ir ao teatro ou a um restaurante bom de verdade...

Ela falava rápido demais, tentando parecer descontrainda, apesar de gaguejar com as próprias mentiras.

Lottie fitou o rosto de Adeline, o sorriso interessado se tornando ligeiramente sem graça, e se sentiu oprimida pelo medo de ser desprezada por aquela mulher.

— O mar — disse bruscamente.

O rosto de Adeline se voltou para Lottie, as sobrancelhas se erguendo de leve.



— O mar — repetiu Lottie, tentando ignorar a expressão furiosa de Celia. — Quer dizer, viver à beira-mar. É a melhor coisa daqui. Ouvir o barulho das ondas ao fundo o tempo todo, sentir o cheiro, caminhar na orla e ver a curvatura da terra... Saber que, ao olhar para a água, existe tanta coisa acontecendo lá embaixo que nunca seremos capazes de ver ou de saber. Um grande mistério, bem na nossa porta... E as tempestades... Quando as ondas estão tão altas que passam por cima da mureta e o vento sopra nas árvores com tanta força que elas se curvam feito grama. E ficar em casa assistindo a tudo isso quando você está aquecida, seca e confortável... — Ela titubeou, notando a expressão revoltada de Celia. — Bem, é disso que eu gosto.

A respiração de Lottie parecia incomumente alta no silêncio.

— Parece perfeito — disse Adeline, estendendo a última palavra, os olhos fixos nos de Lottie a ponto de fazer a menina corar. — Já estou contente de termos vindo.

— Então, ela fez um estrago muito grande no caminhão? Acha que vão trazê-lo para o meu pai?

Joe, com a expressão séria, empurrou a xícara de café vazia no balcão de fórmica. Mas, pensando bem, ele não tinha outra expressão. Seus olhos sombrios, sempre espiando para cima como se demonstrasse uma preocupação respeitosa, pareciam deslocados no rosto rosado e sardento.

— Não sei, Joe. Foi apenas um farol ou coisa parecida.

— Sim, mas vai precisar ser substituído.

Atrás dele, às vezes sobrepujada pelo som de cadeiras se arrastando e louça barata se chocando, Alma Cogan cantava “Dreamboat”. Lottie encarou os traços nada oníricos de seu acompanhante, desejando nunca ter comentado sobre a visita à casa de Adeline Armand. Joe sempre fazia as perguntas erradas. E geralmente dava um jeito de abordar a oficina do pai na conversa. Como filho único, algum dia ele herdaria o negócio em ruínas, e esse legado opressivo já pesava sobre o rapaz como um fardo semelhante à sucessão de um príncipe regente. Ela nutria a esperança de que, ao transformá-lo em confidante sobre sua extraordinária visita à casa, Joe também fosse arrebatado pelas figuras exóticas, excêntricas, assim como pela mansão que mais parecia um transatlântico. Que ele também se veria a uma considerável distância do minúsculo mundinho dos confins sociais de Merham. Joe, porém, se concentrou apenas no que era mundano, sua imaginação restrita pelos aspectos superficiais (como a criada preparou o chá se eles haviam acabado de receber as malas? Que farol a mulher quebrou? Ninguém teve dor de cabeça por causa do cheiro de tinta fresca?), e Lottie foi ficando cada vez mais

irritada por ter contado para ele, extremamente tentada a descrever a pintura da mulher nua só para fazê-lo corar. Era fácil demais fazer Joe corar.

Ela teria discutido sobre aquilo tudo com Celia. Mas a amiga não estava falando com Lottie. Não se dirigia a ela desde que voltaram para casa, apesar de ter tagarelado até demais no caminho. “Você estava deliberadamente se exibindo para todas aquelas pessoas? Lottie! Não *acredito* que inventou toda aquela baboseira sobre o mar. Como se você se importasse em ficar com os peixes no fundo do oceano. Você nem sabe nadar!”

Lottie gostaria de ter conversado com ela sobre a procedência de princesas húngaras, o fato de Adeline beijar a mão de Frances como se fosse um pretendente e sobre a relação de George com as duas (ele não se comportou como marido de nenhuma delas; dera atenção demais para ambas). Ela gostaria de conversar sobre como, tendo tanta coisa para fazer e com a casa em um caos absoluto, Adeline ficara ali no sofá, como se não houvesse mais nada para fazer a não ser esperar o dia passar.

Mas Celia engatara numa conversa intensa com Betty Croft, discutindo as possibilidades de uma viagem para Londres antes do fim do verão. Portanto, Lottie ficou aguardando que essa tempestade de verão passasse.

Mas Celia evidentemente havia ficado mais ofendida pela interrupção de Lottie do que demonstrara. À medida que a tarde se aproximava e as nuvens tempestuosas ficavam mais escuras e carregadas e que o café se abarrotava de crianças obstinadas e pais irritados, ainda com as toalhas de praia úmidas e cheias de areia, ela continuava ignorando as tentativas de Lottie de se juntar à conversa, bem como sua oferta de uma fatia de pudim de pão, a ponto de até mesmo Betty, que adorava uma briguinha entre amigos, começar a se sentir um pouco desconfortável. Ai, meu Deus, pensou Lottie, resignada. Vou pagar por isso.

— Acho que vou voltar — disse ela em voz alta, fixando o olhar na borra escura no fundo da xícara. — O tempo está fechando.

Joe se levantou.

— Posso ir com você? Eu trouxe guarda-chuva.

— Se quiser.

Em um cômodo que devia ser o escritório, Adeline Armand tinha um retrato de si mesma ainda não pendurado. Não era uma pintura precisa: era relaxada e irregular, como se o artista não enxergasse muito bem e tivesse que adivinhar onde deveriam estar as pinceladas. No entanto, de algum modo dava para saber que era ela. Provavelmente por causa do cabelo preto retinto. E de seu meio-sorriso.

— Teve uma tempestade em Clacton no sábado. Neve em abril, dá para acreditar?

Ela não se importara com o automóvel. Nem sequer quis dar uma olhada nos danos. E aquele homem, George, simplesmente sacara um rolo de notas, como se estivesse folheando passagens velhas de ônibus.

— Foi de ameno e ensolarado para granizo e tudo o mais em algumas horas. Também havia gente na praia. Imagino que algumas pessoas estivessem nadando. Você vai se molhar, Lottie. Aqui, pegue meu braço.

Lottie enganchou o braço no de Joe e virou-se de costas, esticando o pescoço para observar a parte da frente da Casa Arcádia. Era a única que ela já tinha visto com a frente e os fundos de igual suntuosidade. Era como se o arquiteto não suportasse a ideia de deixar uma das partes inferior à outra.

— Você não adoraria morar em uma casa como aquela, Joe?

Ela parou, sem se importar com a chuva. Estava um pouco zozna, como se tivesse sido afetada pelos acontecimentos da tarde.

Joe olhou para Lottie e depois para a casa, inclinando-se ligeiramente para se certificar de que a garota estava protegida pelo guarda-chuva.

— Parece mesmo um navio.

— Mas é de propósito, não é? Afinal, fica perto do mar.

Joe pareceu preocupado, como se estivesse deixando algo passar.

— Imagine. Você poderia fingir que estava em um transatlântico. Só navegando pelo oceano.

Ela fechou os olhos, esquecendo brevemente seu desentendimento com Celia, imaginando-se nos andares superiores da casa. Aquela mulher era muito sortuda por ter todo aquele espaço, toda aquela sala para se acomodar e sonhar.

— Se eu tivesse uma casa assim, acho que seria a garota mais feliz do mundo.

— Eu gostaria de morar em uma casa com vista para a baía.

Lottie olhou para ele, surpresa. Joe nunca expressava desejo sobre nada. Era uma das coisas que o tornavam uma companhia tão fácil, até mesmo sem desafios.

— É mesmo? Bom, eu queria uma casa com vista para a baía e que tivesse janelas tipo escotilha e um jardim enorme e maravilhoso.

Ele deu um sorriso discreto para ela, captando algo em seu tom de voz.

— E um lago enorme e lindo com cisnes — acrescentou, empolgada.

— E uma araucária — disse ele.

— Ah, sim! — concordou ela. — Uma araucária! E seis quartos, com um closet bem grande.

Eles diminuíram os passos, os rostos rosados sob a chuva fina soprada pelo mar.

Joe franziu o cenho, refletindo.

— E uma garagem onde caibam três carros.

— Ah, você e seus carros! Eu queria uma varanda grande no quarto que ficasse bem em cima do mar.

— E uma piscina embaixo. Assim, bastava pular da varanda quando quisesse mergulhar.

Lottie começou a rir.

— Primeira coisa a ser feita de manhã! De camisola! Isso! E uma cozinha embaixo para que a empregada preparasse meu café da manhã depois do mergulho.

— E uma mesa bem ao lado da piscina, onde eu ficaria observando você.

— E um guarda-sol daquele tipo que... O que você...

Lottie desacelerou o ritmo. Seu sorriso desapareceu, e ela o espiou, desconfiada, pelo canto do olho. Achou que talvez tivesse imaginado, mas o rapaz afrouxou o aperto em seu braço, como se já estivesse antecipando que ela fosse afastá-lo.

— Ah, Joe.

Ela suspirou.

Os dois subiram com dificuldade e em silêncio a trilha pela falésia. Uma gaivota solitária voava acima deles, pousando ocasionalmente na balaustrada, convencida, contrariando todas as evidências, da chegada iminente de um alimento.

Lottie balançou a mão para espantar a gaivota, sentindo-se furiosa de repente.

— Já disse, Joe, não estou interessada em você desse jeito.

O rapaz olhava para a frente, as bochechas um pouco ruborizadas.

— Gosto de você. Bastante. Mas não dessa maneira. Eu realmente gostaria que você não insistisse.

— Só pensei... pensei que quando você começou a falar sobre a casa...

— Era brincadeira, Joe. Uma brincadeira boba. Nenhum de nós dois algum dia vai ter uma casa da metade do tamanho daquela. Ah, não fique de mau humor, por favor. Ou vou ter que seguir sozinha pelo resto do caminho.


Joe parou, se desvencilhando do braço dela e virando-se para encará-la. Ele parecia muito jovem e misteriosamente determinado.

— Prometo não insistir, então. Mas se você se casasse comigo, Lottie, nunca mais precisaria voltar a Londres.

Ela ergueu o olhar para o guarda-chuva, depois encarou Joe, deixando que a chuva e os respingos do mar formassem uma névoa fina acima de sua cabeça.

— Eu não vou me casar. E já disse, nunca mais vou voltar. Mesmo.





A Casa Arcádia sempre teve algo de mágica.  
A construção estonteante resiste belamente ao passar dos anos, debruçada à beira-mar na pequena cidade de Merham e gravada no imaginário de gerações de moradores e visitantes do lugar.

Antiga morada de artistas, lar de memórias marcantes de aventura, juventude e amores, a casa deverá em breve se transformar em um elegante destino turístico – uma mudança que significará não só um fim, mas talvez vários recomeços.

Repleto de encontros emocionantes e segredos revelados, *A casa das marés* é uma leitura deliciosa e romântica que explora as dinâmicas familiares, antigos amores e traições.

ISBN 978-85-510-0240-7



9 788551 002407

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)